

# Jânio Quadros

15. J. 58

E' inegavelmente um homem singular o sr. Jânio Quadros. Não, porém, tão singular que não se enquadre perfeitamente na política brasileira. Veio demonstrá-lo o último e mais inesperado dos seus atos: a aceitação da sua candidatura a deputado federal pelo PTB do Paraná, logo depois de se declarar nauseado da política e decidido a retirar-se da vida pública depois de terminado o seu mandato de governador. Dele também se pode dizer, como de muitos políticos, que não se escreve o que diz. Com algumas virtudes e alguns defeitos próprios, é um legitimo político brasileiro desta época de decadência.

O que sobretudo o caracteriza é a política pessoal. Não tem, nunca teve partido. Nunca serviu nenhum; serviu-se, isto sim, de vários, por causa das exigências legais. Não tem compromissos com idéias e princípios, nem sequer com pessoas, senão somente com os seus interesses. Filho dileto da fortuna, que em poucos anos o fez galgar todos os postos, excetuada, ainda, a presidência da República, não encontra embaraços, nem padece inibições. O poder é a sua meta.

Não queremos dizer, com isto, <sup>também</sup> que ~~ele não tenha~~ as suas virtudes. Tem-nas e, em as ter, consiste a sua maior singularidade. Tem honestidade e capacidade. A sua administração no govêrno de S. Paulo é cousa realmente admirável. Tem a coragem de afrontar a impopularidade, como fez com os funcionários públicos, que até hoje não lhe perdoaram. Mas estas inegáveis virtudes perdem muito de sua consistência, quando interpretadas à luz da sua política.

Todos os seus atos e palavras são calculados. Pode ser que nem sempre o cálculo esteja certo, mas cálculo há sempre. E' um demagogo; quase diríamos um perfeito demagogo. O seu estôfo é muito superior ao do sr. Ademar de Barros, sem falar no bando de demagogos de todas as bitolas, que tomaram conta da política neste país. Referindo-se ao pleito municipal de S. Paulo, em que o chefe populista venceu um homem da qualidade do sr. Prestes Maia, disse o sr. Raul Pilla que a demagogia da corrupção levava de vencida a demagogia da honestidade.

Dizendo que o sr. Jânio Quadros tem praticado a demagogia da honestidade, não queremos significar que falte ao seu caráter um fundo de probidade; afirmamos apenas que êle maneja a honestidade da mesma maneira e com os mesmos fins, com que o seu rival na política de S. Paulo utiliza a corrupção. E reconhecemos, mais, que, se a demagogia é sempre um mal, porque vicia e deforma o regime democrático, muito vai de demagogia a demagogia: mil vêzes preferível é a do governador de S. Paulo.

Demais, o sr. Jânio Quadros põe arte na sua demagogia, a qual, também por isto, se contrapõe à brutal demagogia populista do sr. Ademar de Barros. Os que mais de perto o conhecem dão-no como um consumado comediante. Referem-se, a respeito, pitorescos episódios da campanha eleitoral que o levou ao palácio dos Campos Eliseos.

Portanto, sendo embora um tipo excepcional, o sr. Jânio Quadros não se acha deslocado no ambiente político brasileiro e, pelo contrário, se lhe adapta perfeitamente. Outra convicção não tem, senão o poder e só por êle tem lutado. Nunca teve partido, embora tivesse estado filiado ao Partido Democrata Cristão, porque o seu partido é êle mesmo. Tê-lo-á agora, que se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro, de todos o que menos se coadunaria com a sua anterior ação política? Iludir-se-á quem quiser, pois é evidente que, com tal filiação, o que êle pretende é capitalizar o eleitorado legado pela demagogia getuliana. Permitti-lo-ão os donos atuais do partido? Não o sabemos. O certo é, porém, que com a sua espetacular manobra, o governador de S. Paulo renunciou ao papel que tudo lhe indicava e nós, não sem apreensões, prevíamos: o de candidato, no próximo pleito presidencial, das forças da regeneração democrática. O grande comediante deitou fora um grande papel.